



Maternidade e a (re)descoberta de si mesma: uma análise da obra *Quarenta Dias*, de Maria Valéria Rezende

Ariane Avila Neto de Farias

Instituto Federal Farroupilha, Linha 7 de setembro, s/n, BR 386, KM 40, 98400-000, Frederico Westphalen, Rio Grande do Sul, Brasil. Email: arianenetof@gmail.com

RESUMO. A opressão e dominação femininas são frequentemente ancoradas nas percepções do corpo e da sexualidade da mulher, vistas como marcas de sua suposta inferioridade e negatividade. Essa visão tem influenciado profundamente as concepções de maternidade, moldadas pelos valores patriarcais que historicamente marginalizaram e silenciaram as mulheres. A experiência da maternidade foi idealizada como um ato de sacrifício e dedicação total da mulher aos seus filhos, pressupondo-se que o amor materno seja um sentimento natural e indiscutível. Além disso, ser mãe é frequentemente visto como uma validação da feminilidade da mulher, e a ausência dessa experiência é interpretada como um desvio de caráter. No entanto, discussões contemporâneas estão desafiando essa visão unilateral da maternidade, reconhecendo a diversidade de experiências que compõem o ser mãe. Nesse contexto, o presente estudo visa explorar a representação da maternidade na obra *Quarenta dias* (2014), de Maria Valéria Rezende. Este trabalho sugere que o livro oferece uma visão da maternidade que rompe com os padrões tradicionalmente atribuídos a essa experiência, revelando suas complexidades e ambiguidades a partir da compreensão do fazer materno pela personagem-narradora, Alice. Para fundamentar a discussão, o estudo se apoia em pesquisadoras como Chodorow (1978), Badinter (1980), Rich (1986) e Donath (2017).

Palavras-chave: Maternidade; sujeito-mãe; literatura Brasileira contemporânea.

Motherhood and the (re)discovery of oneself: an analysis of *Quarenta Dias* by Maria Valéria Rezende

ABSTRACT. The oppression and domination of women are often anchored in perceptions of women's bodies and sexuality, seen as markers of their supposed inferiority and negativity. This view has deeply influenced the concepts of motherhood, shaped by patriarchal values that have historically marginalized and silenced women. The practice of motherhood was idealized as an act of sacrifice and total dedication of the woman to her children, assuming that maternal love is a natural and indisputable feeling. Furthermore, being a mother is often seen as a validation of a woman's femininity, and the absence of this experience is interpreted as a deviation in character. However, contemporary discussions are challenging this one-sided view of motherhood, recognizing the diversity of experiences that make up being a mother. In this context, the present study aims to explore the representation of motherhood in the work *Quarenta dias* (2014), by Maria Valéria Rezende. This paper suggests that the book offers a vision of motherhood that breaks with the patterns traditionally attributed to this experience, revealing its complexities and ambiguities through the understanding of motherhood by the character-narrator, Alice. To support the discussion, the study relies on theorists such as Chodorow (1978), Badinter (1980), Rich (1986), and Donath (2017).

Keywords: Motherhood; mother; contemporary Brazilian literature.

Received on September 29, 2024.

Accepted on May 27, 2025.

Introdução

Há muito tempo, a visão socialmente aceita da maternidade foi moldada pelos princípios do conservadorismo patriarcal, baseando-se em ideais religiosos para definir o papel da mãe. Dentro dessa perspectiva, a figura idealizada da mãe é inspirada em Maria, a Virgem, caracterizada por sua dedicação e sacrifício pelos filhos. Qualquer comportamento materno que desvie dessa norma é visto como anormal, e a mulher é julgada como 'problemática' se não cumprir essa função que lhe é socialmente esperada. Além disso, acredita-se que as mulheres não podem recusar a experiência da maternidade, pois essa função é vista como intrínseca a elas. A partir dessa visão, a ausência de maternidade é interpretada como um sinal de falta de feminilidade.

No entanto, durante a segunda onda do feminismo, estudiosas como Rich (1986) destacaram a complexidade das responsabilidades maternas e do papel feminino da mãe, enfatizando a necessidade de reconsiderar a posição da maternidade e *reconhecê-la* como uma prática diversa e coletiva. Badinter (1980) questiona o conceito de amor materno como um instinto natural, associando sua promoção aos interesses do capitalismo. Essas críticas têm encontrado eco em diversos contextos atuais, fazendo da maternidade um tema central em muitos debates contemporâneos.

A literatura é um dos espaços em que a maternidade, em sua multiplicidade, é explorada. Diversas escritoras brasileiras contemporâneas, como Giovana Madalosso, Conceição Evaristo, Carola Saavedra, têm destacado a mãe enquanto um sujeito, que narra a sua própria história. Ao revisitar a narrativa do feminino, essas autoras colocam a personagem mãe no papel de protagonista e narradora de sua própria história, permitindo uma visão mais profunda do inconsciente materno.

Isto posto, o presente artigo objetiva refletir acerca da representação do sujeito-mãe na obra *Quarenta dias* (2014), da escritora Maria Valéria Rezende. Essa discussão é realizada a partir da análise da personagem Alice, personagem-narradora. O debate empreendido sugere que o sujeito-mãe na obra de Rezende rompe com os estereótipos relacionados à boa maternidade, ao desconstruir, a partir da relação traçada com a filha Norinha, a noção de que esse fazer é unicamente perpassado pelo amor e benevolência. Nessa perspectiva, compreende-se que a narrativa imprime a importância de se pensar a maternidade em toda a sua pluralidade, distanciando-se dos padrões e sentimentos impostos pelo patriarcado. Para tanto, esta análise parte das contribuições teóricas de Rich (1986), Chodorow (1978) e Donath (2017), entre outras teóricas da temática.

Durante a busca pelo outro, a (re)descoberta de si

A obra *Quarenta dias* (2014) foi o quarto livro da escritora Maria Valéria Rezende, que antes já havia publicado: *Vasto mundo*, em 2001, *O voo da guará vermelha*, em 2005, e *Modo de apanhar pássaros à mão*, em 2006. A narrativa recebeu o Prêmio Jabuti em 2015, ficando em primeiro lugar na categoria romance literário, bem como foi semifinalista do Prêmio Oceanos, no mesmo ano.

Essa narrativa conta a vida de Alice, mulher-mãe que terá toda a vida transformada a partir de uma demanda de sua filha, Norinha. A filha de Alice pretende ser mãe e, para isso, ela precisa que a mãe se mude de João Pessoa para Porto Alegre, já que é lá que Norinha reside com o marido, ambos professores universitários, para *auxiliá-la* nesse processo de preparação para a maternidade, bem como *ajudá-la* com os primeiros cuidados do futuro filho: “Chegou a hora da senhora virar avó [...]” (Rezende, 2014, p. 25), afirma a filha, ao decretar o futuro dedicado aos cuidados de mais uma criança por sua mãe.

Assim, segue-se uma história de perdas e transformações: Alice precisa deixar sua vida pacata, mas feliz, em direção ao desconhecido território gaúcho. Essa mulher irá, assim, desapegar-se das referências culturais que formaram sua subjetividade e compreensão do mundo, bem como das coisas que para ela são importantes: casa, amigos etc.

Diante do pedido de Norinha, a primeira reação da professora de francês aposentada é a de “[...] fincar pé contra mais uma vontade alheia querendo tomar o controle daquela minha vida [...]” (Rezende, 2014, p. 9), contudo, ela percebe aos poucos que a sua reação frente ao pedido da filha nada mais será que uma “[...] patética tentativa de resistência [...]” (Rezende, 2014, p. 9), demarcando o lugar privilegiado ocupado pela filha frente a sua vontade – enquanto sujeito-mãe, ela precisa abdicar de seus desejos para atender os pedidos de sua filha.

Em um primeiro momento, o discurso assumido por Alice em resposta à solicitação de sua filha sugere um reforço da estável noção que vincula o feminino à maternidade, enquanto algo instintual: “[...] logo você aprende a lidar com criança, não tem mistério, é natural, a gente está feita para isso [...]” (Rezende, 2014, p. 26), assinalando o fato de que mulheres naturalmente se adaptam à condição materna (Badinter, 1980; Rich, 1986; Donath, 2017) e que, mesmo que passasse um período auxiliando a filha em Porto Alegre, rapidamente a filha estaria adaptada ao fazer materno. Sobre a natural preparação feminina para a maternidade, Donath indica que:

[...] a maternidade não é um projeto privado. É sempre, infinita e exaustivamente, pública. Todos os dias, as mulheres ouvem que possuem essa habilidade instintivamente, por natureza, mas ao mesmo tempo estão submetidas aos ditames sociais sobre como deveriam conduzir a relação com seus filhos de forma a serem consideradas ‘boas mulheres’ e ‘boas mães’, pessoas e seres morais (Donath, 2017, p. 53).

Contudo, é esse discurso que ela precisará revisitar quando percebe que não há escolha para uma mulher-mãe já velha que não a de reproduzir a dedicação dada aos seus filhos, para com os seus netos, que nem mesmo

ainda existem. Ao se dar conta do egoísmo da filha, percebe que, para Norinha, ela era só “[...] uma velhota sentimental, com esse apego a coisas completamente ultrapassadas” (Rezende, 2014, p. 7). Para o alcance de seu objetivo, Norinha, reduz e inferioriza Alice, retirando dela o controle de sua própria vida; o sujeito-mãe da narrativa de Rezende pontua que “[...] o certo pra ela [Norinha] era que eu, afinal, já tinha chegado ao fim da minha vida própria” (Rezende, 2014, p. 26).

As atitudes assumidas pela filha que retira a autonomia da mãe respaldam-se em valores sociais que, como afirma Kehl (2016), ao discutir acerca das observações de Peter Gay, em *A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud* (1988), estabelecem que para as mulheres, não restaria outro caminho a não ser o da dedicação à família. Sobre o mesmo tema, afirma Donath (2017, p. 137-138) que “[...] a obrigação, responsabilidade e preocupação em relação aos filhos não costuma desaparecer, nem quando as tarefas mecânicas da maternidade ficam para trás [...]. Como se costuma dizer: uma vez mãe, sempre mãe”. No mesmo viés, Halasi (2018) afirma que da mãe é sempre cobrada a presença e disponibilidade frente às demandas dos filhos.

Na narrativa, o olhar social que postula ao sujeito-mãe uma restrição de liberdade em favor de uma maior autonomia dos filhos, será personificado, principalmente, pela personagem prima Elizete: “[...] você vai pra Porto Alegre, sim, e não se discute mais isso, todo mundo vê que é o melhor, é sua obrigação acompanhar sua filha única” (Rezende, 2014, p. 34). Sobre a impossibilidade do desprendimento do feminino da obrigação dos cuidados com os filhos, diz Chodorow (1978) que:

[...] a perpetuação da sociedade exige que alguém crie filhos, mas nossa linguagem, ciência e cultura popular tornam muito difícil separar a necessidade de cuidado da questão de quem deve cuidar. É difícil separar as tarefas relacionadas ao cuidar de filhos, em geral executadas por mulheres [...], das próprias mulheres (Chodorow, 1978, p. 57).

Ao mesmo tempo em que pontua sobre o encadeamento entre mulher e criação das crianças e, por consequência, entre o feminino e o espaço privado, o excerto atenta para o fato de que são as mulheres, por estarem circunscritas a esse lugar e ocupação que reproduzem os valores conservadores que o patriarcado postula para a instituição materna. Dessa maneira, Chodorow (1978) destaca que “[...] as mulheres reproduzem-se a si mesmas através de suas tarefas domésticas diárias” (1978, p. 57). Essa noção fica clara, tendo em vista que as falas que naturalizam os comportamentos femininos maternos na narrativa de Rezende (2014) são proferidas por personagens mulheres. A mesma pesquisadora afirma que muito dessa reprodução dos papéis sociais de mulheres por elas mesmas se deve pela falta de apoio, afetivo ou emocional, a elas dado (Chodorow, 1978).

É interessante pontuar que as primeiras reações da mulher-mãe por efeito das ações da filha com a sua negativa em ir para Porto Alegre ostentam um caráter paradoxal, já que ao mesmo tempo em que decide assumir uma postura mais dura de quem não entrega nem a “[...] vontade e nem a consciência” (Rezende, 2014, p. 28). Alice toma ainda a posição da mãe disposta ao atendimento das vontades da filha: “[...] ouvi calada, continuei a fazer os pratos de que ela mais gostava, a cuidar das coisas e a ceder minha poltrona preferida, em frente ao janelão que dava pro mar, pra que ela se sentisse confortável na minha casa, como se ainda fosse a casa dela” (Rezende, 2014, p. 28). Constata-se que o comportamento dessa mulher-mãe reforça a noção “[...] da maternidade como uma história sem fim” (Donath, 2017, p. 147).

Evidencia-se o fato de Alice ter criado a filha sozinha: seu marido foi um dos muitos desaparecidos durante a ditadura militar brasileira. Nessa lógica, essa mulher-mãe é consumida pela culpa, já que Norinha contou com a presença da figura paterna, questão que, inúmeras vezes, é levantada pela filha. A ausência paterna e a não constituição de uma família são usadas por Norinha, principalmente, durante a sua adolescência, período em que a relação entre ela e Alice fora mais conturbada, contra a mãe, de modo a responsabilizá-la por suas tristezas. Essa mulher-mãe, atingida pela acusação da filha, percebe-se como a culpada pelos problemas da Norinha, deixando-se levar por suas vontades e desejos.

Ademais, incontestavelmente, no tempo presente da narração, Alice sofre com os limites que lhe vão sendo pouco a pouco impostos, sobretudo, por já estar em idade avançada¹; isso se deve ao fato, como expõe Ecléa Bosi (1994, p. 78), de que na família, há uma cumplicidade entre os adultos de modo a “[...] manejar os velhos [...] para o seu próprio bem [...]”, mas, como ela mesma perceberá no decorrer da história que narra, os cerceamentos que envolvem a maternidade são por ela sentidos antes mesmo de o problema da mudança de cidade surgir:

¹ Não há menção direta à idade de Alice, mas há artigos que analisam o livro que consideram que a personagem principal está por volta dos seus 50 e poucos anos (Neves & Melo 2018). É interessante refletir que mesmo que a expectativa de vida da mulher brasileira, na atualidade, tenha aumentado no ano de 2020 para uma idade média de 80,1, de acordo com o IBGE, esse sujeito, quando não mais em idade apta para a reprodução e o exercício da força de trabalho passa a ser considerado velho. Ademais, em vista da figura idealizada que se constrói em volta da mulher-mãe, que sempre é vista dissociada de seu corpo e de sua sexualidade, quase sempre, para os seus filhos e família, essa mulher será percebida como figura em idade avançada.

Disse a mim mesma que era só questão de amainar o meu coração e procurar se não havia mesmo um problema comigo. Talvez tudo se resumisse no resultado de todas as minhas frustradas tentativas de fazer outras coisas que gostaria, tendo sempre de ceder a vez pras prioridades dos outros, da minha filha mais que todos. [...] eu devia ter feito tudo ou pelo menos muito mais do que desejava nesta vida. [...] sempre achei que não podia nada... Quem sabe ainda é tempo de resgatar alguns desejos por cumprir? (Rezende, 2014, p. 31).

Ao ser retratada como uma ‘velha’ pela filha, Alice vê sua subjetividade e existência resumidas aos moldes pré-estabelecidos para mulheres dessa idade, que por não mais fazerem parte do sistema produtivo e financeiro, especialmente, por não estarem em idade reprodutiva (Federici, 2017), tem sua vida reduzida a uma identidade estereotipada vinculada à função de aconselhamento das mulheres mais jovens. Para a sua filha, Alice deve assumir o lugar de mãe/avó conselheira e cuidadora.

A partir da compreensão de que sua vida fora sempre balizada pelos desejos alheios, as reflexões de Alice remetem-se às privações por ela vividas no papel de sujeito-mãe; ela progressivamente percebe que viveu uma vida de limitações, que se converteram em frustrações, frente aos necessários atendimentos aos desejos alheios. A fala da personagem denota “[...] o sofrimento passivo que vem sendo tomado como universal, ‘natural’, o destino feminino sentido em cada esfera [...]” (Rich, 1986, p. 129, tradução nossa²) da vida das mulheres; inserida em um contexto em que sua vida se constrói sob os pilares “[...] de leis e códigos profissionais, sanções religiosas [...]” (Rich, 1986, p. 128, tradução nossa³), limitantes dos trânsitos e silenciadores das experiências femininas (Rich, 1986), Alice entendia que nada podia realizar que não visasse o bem-estar da filha, já privada da figura paterna. Desse modo, Alice precisou dividir o seu tempo entre o cuidado com a filha e o trabalho como professora, a fim de oferecer melhores condições de vida à menina.

É, mais uma vez, pelo sentimento de culpa que Norinha irá persuadir a mãe a realizar a sua vontade. De acordo com Donath (2017), ao remeter-se ao estudo de Parker (1997), a culpa, na atualidade, pode ser entendida quase como um sinônimo para a maternidade, já que a mulher-mãe não vê meios para lidar com a ambivalência que envolve a maternidade. Pelo processo de ‘autoculpabilização’, Alice, como mulher-mãe, compreende que “[...] violou seus padrões morais ou sociais [...]” (Jones & Kugler, 2000, p. 1039) ou mesmo seus princípios éticos, morais ou religiosos, como apontam Valente e Botelho (2019) e, por isso, ela se rende aos desejos de Norinha. Frente à falta de poder na relação traçada com a filha, a personagem mãe da narrativa de Rezende, ao perceber uma realidade que a concebe como uma ‘mãe má’, admite: “[...] eu cedi, vergonhosamente. Foi isso. O resto é consequência [...]” (Rezende, 2014, p. 34); ela não tem forças para assumir uma posição contrária da esperada para ela enquanto mãe e futura avó.

Alice assistirá, assim, o seu lar ser rapidamente desmontado, confirmando que suas memórias são menos importantes em detrimento da vida planejada por Norinha: as gavetas são esvaziadas, os móveis arrastados, cartazes de ‘família-vende-tudo’ dispostos por seu apartamento e os pertences ‘mais valiosos’ são enviados à garagem da Elizete, lugar “[...] onde eu tinha arriado pra ficar, amuada, assistindo ao rebuliço, à derrocada da minha vida tão boínha [...]” (Rezende, 2014, p. 8), assinala a Alice. Entre os pertences valiosos da personagem, está o caderno amarelado com a capa cor de rosa da boneca Barbie, objeto com o qual Alice cisma e que, “[...] por mais que a fúria organizadora da prima Elizete tentasse *botá-lo* no monte de velharias [...]” (Rezende, 2014, p. 7), leva consigo para a capital gaúcha. Até aquele momento, mal sabia ela que o velho caderno teria, então, um papel importante no exercício de salvação e de resgate da bagunça em que sua vida se transforma ao chegar ao novo lar.

A chegada a Porto Alegre é marcada pela total falta de identificação com o novo lar, pois não contribuíra com sua escolha ou a organização, tendo sido a filha a única responsável pela seleção de móveis e distribuição das coisas trazidas de João Pessoa. Além disso, sua chegada será acompanhada pela notícia de que Norinha, com o marido, irá passar uma temporada no exterior. Alice, percebendo-se abandonada em uma cidade para a qual nunca quis ir e em um lar que mais parecia um tabuleiro de xadrez, um “[...] *showroom* de móveis modernos [...]” (Rezende, 2014, p. 23), que em nada a representava, compreende a sua total irrelevância perante os desejos da filha; Norinha a abandona em pedaços em um lugar completamente desconhecido. Assim, esse sujeito-mãe vai percebendo a cada ação realizada pela filha, que a relação construída com essa em nada se aproxima daquela almejada antes mesmo de seu nascimento:

Fiquei radiante e mais ainda quando nasceu uma menina, Como é bom saber que vou ter uma companheira!, quantas coisas vamos poder compartilhar?!, vamos ser felizes para sempre! [...] cuidei mais do que tudo pra que minha filha

² No original: *Passive suffering has been seen as a universal, 'natural', female destiny carried into every sphere [...]*.

³ No original: *laws and professional codes, religious sanctions*.

recebesse muito carinho, amor incondicional, mas sem mimos e complacência, havia de ser forte, reta e generosa como o pai, e confiei no meu exemplo, que eu achava natural, de cordialidade e delicadeza pra com os outros (Rezende, 2014, p. 30).

O excerto sugere a esperança de Alice na possibilidade de construção de forte vínculo com o seu bebê que, por ser menina, significaria companhia e compreensão para com a figura materna. O discurso da personagem de Rezende (2014), ao lembrar as expectativas que tinha atinentes à filha, mais uma vez se associa aos ideais, tanto para a mulher-mãe quanto para o feminino de modo geral, defendidos pelo patriarcado. Por estar inserida nesse contexto limitador, Alice é atravessada pela percepção de que há “[...] mecanismos institucionais e sociais que teriam o poder de controlar o campo da significação social e produzir, promover e implantar representações de gênero [...]” (Swain, 2008, p. 19); essas seriam as ‘tecnologias de gênero’ que, nos termos postos por de Lauretis (1994), delimitam as subjetividades (e também os corpos) para que sigam produzindo a estabilidade instituída no gênero. Sobre o mesmo tópico, Chodorow (1978), analisando a maternidade como função exclusiva da mulher, pontua que o modo como os mecanismos sociais agem corroboram com a oposição feminino e masculino, estando o primeiro sempre em posição subalternizada. A autora assinala que “[...] o sentido do eu feminino está fundamentalmente ligado ao mundo, o sentido do eu masculino é fundamentalmente separado do mundo” (Chodorow, 1978, p. 169).

Assim, diante da conduta da filha, Alice vivencia a raiva e a mágoa pela ingratidão filial, sentimentos que, para ela, até então, não pareciam possíveis para uma mãe dedicada e benevolente, que dedicou todos os esforços na criação de Norinha, afinal de contas para ela o “[...] devotamento era parte integral da ‘natureza’ feminina, e nele estava a fonte mais segura de sua felicidade” (Badinter, 1980, p. 267). Com os infortúnios da juventude que a levaram a criar a filha sozinha, ela acreditava que essa merecia todo o seu altruísmo para que, então, pudesse ser feliz; as realizações de Alice estavam na felicidade de Norinha.

Entretanto, o abandono à própria sorte na cidade grande por ela desconhecida abre espaço para ressignificações dos estereótipos acerca da maternidade que ela mesma tomara como modelo no decorrer de sua vida, assim como rompimentos e encontros consigo mesma enquanto mulher e mãe. Percebe-se que a personagem passa por um processo de desconstrução da ideia de que a mulher-mãe deve se entregar por completo à satisfação dos desejos dos filhos. Essa transformação está alinhada ao proposto por Badinter (1980), ao afirmar que os sentimentos de instinto e amor maternos, quando considerados naturais à mulher, terminam por submetê-la a uma ‘dedicação cega’ aos filhos. No caso da personagem, essa crença começa a ruir quando ela percebe que sua devoção à filha gerou, na verdade, ressentimento e amargura. Diante disso, sente-se “[...] esmaecendo [...] rapidamente, eu sem nenhum rumo, nem hábito, nem companhias, ‘nem vínculos neste mundo’” (Rezende, 2014, p. 87, grifo nosso). Ao reconhecer a sua falta de vínculos com outras pessoas, esse sujeito-mãe cria condições para um gradual enfraquecimento das imposições sociais referentes ao exercício obrigatório do cuidado com o outro, reservado ao feminino; Alice pode, então, pouco a pouco, desvincular o seu cotidiano de mulher-mãe que sempre ‘está à disposição do outro (filhos)’.

É o completo desamparo dessa mulher que a leva às ruas de Porto Alegre. Recebida a notícia de que Norinha irá embora da cidade, Alice decide não mais falar com a filha ‘desnaturada’ e não atender ligações que possam a vir intermediar o contato com a filha. É apenas depois de ter passado alguns dias isolada e destroçada pelos últimos acontecimentos em sua vida que ela decide dar sinal de vida, ao atender o telefone de sua casa. Do outro lado da linha, estava sua prima Elizete, que narra as dores de uma mãe, chamada Socorro, que há anos não recebe notícias do filho, Cícero, residente da capital gaúcha. Alice decide sair em busca de notícias do filho desaparecido de outra mulher. “Talvez tenha sido, sem que eu percebesse, a dor da outra mãe tomando o lugar da minha, um alívio esquisito, uma distração” (Rezende, 2014, p. 92), reflete Alice logo após finalizar a conversa com a prima pernambucana ao telefone e decidir sair em busca de notícias para a desesperada mãe.

Assim, ao se dispor a descobrir o paradeiro do filho de outra mulher-mãe — em uma tentativa de acalmar o coração ferido dessa mãe desesperada pela ‘perda’ de seu filho —, a personagem rompe com os valores que, até então, considerava essenciais para sua identidade como mulher e mãe. Isso a conduz a uma revisão profunda do modo como compreendia o feminino e sua própria constituição subjetiva. Sua nova empreitada era um bom modo em direção a “[...] esquecer Norinha e o apartamento preto e branco [...]” (Rezende, 2014, p. 117), dois fatores que a incomodavam nesta sua nova vida.

A Alice de Rezende (2014), como a personagem homônima de *Alice no país das maravilhas* de Carroll (2019), com quem ela mesma irá se comparar ao narrar suas peripécias, diante das imprevisibilidades da vida, sai às ruas da capital gaúcha, a qual ela percebe estar bem distante da por ela imaginada enquanto ainda vivia em João Pessoa. Assim como o país de ‘maravilhas’ de sua xará, Alice, ao “[...] cair no buraco do coelho [...]”, se

depara com uma realidade dura de “[...] cenas ou episódios tipo país das maravilhas cruéis [...]” (Rezende, 2014, p. 158). Contudo, é esse mesmo espaço que irá lhe abrir portas para uma reconfiguração de sua subjetividade enquanto sujeito-mãe, já que nele faz-se presente variadas formas de a maternidade se realizar.

É essa saga em busca de Cícero pelas ruas do subúrbio porto-alegrense, mas, acima de tudo, os resultados da análise da relação traçada com a filha, assim como as observações sobre sua própria subjetividade em processo de reconstrução, que serão, após o seu término e retorno ao apartamento montado por Norinha, narrados à Barbie. Além disso, a narradora relata os encontros com os mais diversos indivíduos em Porto Alegre, sujeitos que nem ela mesmo esperava encontrar em uma cidade que achava ela ser tão diferente de João Pessoa. É no reconhecimento dessa multiplicidade de subjetividades subalternizadas e silenciadas que ela se apegua para não retornar ao seu apartamento: “[...] andava só pra não voltar, eu, rebelde peão de xadrez [...] a ouvir histórias de gente quase reduzida a corpo e dor, quase (Rezende, 2014, p. 218)”. As páginas amarelas do caderno rosa serão, assim, preenchidas com a história de seus quarenta dias em situação de andarilha urbana:

[...] dei com o olho na Barbie e soube logo em quem descarregar tudo isso. E aqui estou vomitando nestas páginas amareladas os primeiros garranchos com que vou enchê-las até botar tudo pra fora e esconjurar toda essa gente que tomou conta de mim e grita e anda pra lá e pra cá e chora e xinga e gargalha e geme e mijá e sorri e caga e fede e canta e arenga e escarra e fala e fode e fala e vende e fala e sangra e se vende e sonha e morre e ressuscita sem parar. [...] Contar a mim mesma, tim-tim por tim-tim, o que me anda acontecendo, desabafar com a boneca loira e o papel pautado, moucos e calados, incapazes de assustar-se, nem de dizer que estou doida, nem me mandar fazer psicoterapia [...] (Rezende, 2014, p. 13-14).

Assim, narrar o seu presente, entrelaçado as suas lembranças e memórias do passado, faz-se necessário para que Alice assimile o processo ambivalente que nela se instaura: sua nova vida é a renúncia de seu antigo ‘eu’. Na reestruturação de sua subjetividade, a personagem reconhece que o seu ‘eu’ anterior, atrelado às limitações dispostas ao seu gênero, estava sujeito à redução [...] a uma substancialidade última, a uma unicidade centrada e homogênea e que, por consequência, diante de sua falta de autonomia, tinha sua vida moldada a partir das vontades alheias.

Nesse sentido, apontam Neves e Melo (2018) que Alice vivencia uma profunda crise de identidade, precisando (re)descobrir-se nas incertezas da nova vida. A própria personagem em diversos momentos reitera o fato de não saber mais quem ela é, como é possível perceber no trecho a seguir: “[...] o que deixei pra trás, o que me obrigaram a deixar pra trás, lá ficou, na antiga vida da contente e pacífica professora Póli. Não tinham mais nada a ver com essa estranha Alice, desenraizada, desaprumada, que nem eu mesma conhecia” (Rezende, 2014, p. 84). Em um determinado momento, mais para o final da narrativa, ela nomeará o momento vivido de “[...] minha desaparecência [...]” (Rezende, 2014, p. 235), reforçando a situação da ‘morte’ de um ‘eu’ anterior para o nascimento de um novo ‘eu’ após suas caminhadas pelas vilas da capital gaúcha.

Nas retomadas de seu passado, a personagem esclarece fatos de sua vida que deslindam o ‘eu’ que passará por esse fundamental processo de ruptura. Na Paraíba, Alice era Póli, a ‘disciplinada’ professora aposentada de francês, criada pela avó, após a morte de sua mãe no parto. Sua avó é o modelo feminino e de maternidade de Alice: “[...] minha vó, ela sim, exilada, nunca me deixara sentir-me infeliz pela minha curta história de menina sem pai nem mãe” (Rezende, 2014, p. 166). O excerto apresentado sugere que não é à toa a reprodução por Alice de um padrão de abnegação materna, assim como a sua avó nunca a deixou sentir-se triste, ela não poderia deixar isso acontecer com a filha. Jovem, a personagem engravida e vê-se sozinha. Sua solidão será marcada, inclusive, pelo esquecimento de seu corpo e sexualidade enquanto sujeito-desejante: depois de Aldenor, Alice não se envolver-se-á, romanticamente e sexualmente, com outras pessoas, conservando a ideia da assexualidade que paira sob o sujeito-mãe (Rich, 1986).

Dessa maneira, justifica-se a presença da personagem *Barbie* na obra de Rezende (2014). A boneca, símbolo dos padrões estéticos impostos ao feminino, ao mesmo tempo que será a silenciosa ‘ouvinte’ dos relatos de Alice, representará a idealização feminina que o sujeito-mãe está desconstruindo durante o processo de desconstrução de si mesma. ‘Desabafar’ com a Barbie sobre as suas memórias, as intempéries de sua vida, bem como os seus encontros e desencontros na nova cidade durante as suas andanças nas ruas é também refletir sobre o quanto a mulher da sociedade patriarcal é silenciada: a boneca perfeita, diferente dela que narra a sua história, pode apenas escutar, dando-se ela conta de que no patriarcado essa é a mulher perfeita — “Barbie, não é possível que caiba algum órgão aí por dentro dessa sua cintura inumana. Então você pode muito bem aturar impassível o que eu vou lhe contar agora” (Rezende, 2014, p. 81). Nesse mesmo sentido, Neves e Melo

(2018) atentam para o fato de que é “[...] perceptível a ironia com que Alice trata a representação da boneca, bem como os moldes preestabelecidos para a figura feminina, promovendo momentos de reflexão acerca da importância de descentralizar e pluralizar os conceitos instituídos para o feminino” (Neves & Melo, 2018, p. 137).

Outrossim, entende-se que o movimento em reconhecimento da multiplicidade do feminino, atuando como um rompimento frente aos padrões por ela reconhecidos como caminhos a serem tomados pelas mulheres, primeiramente, a levam a uma sensação de completo desaparecimento e perda de si, como pode-se perceber no excerto a seguir: “[...] minha longa ausência que, de algum modo, ainda continua, eu, ausente de mim, aparentemente dentro [...]” (Rezende, 2014, p. 18). Alice está em conflito consigo mesma e as diversas novas sensações a levam, gradualmente, à percepção de toda a sua pluralidade como mulher e não limitação a atitudes demandadas por outros. Nessa caminhada ao encontro de uma nova Alice, a escrita terá papel fulcral. Postula a personagem:

Quarenta dias. Atravessei a geena. Acabo de sair da quarentena. [...] O único jeito possível de livrar-me deles, expulsá-los do espaço que ocupam dentro de mim e recuperar minha própria presença, é reduzi-los a tinta e papel e encerrá-los numa gaveta, ou tacar fogo pra sempre. Será (Rezende, 2014, p. 18).

Esse trecho sugere que é nesse exercício de escrita que Alice buscará preencher os vazios que sua biografia de abdicações deixou. Escrever sobre os eventos vividos durante a quarentena é, para essa mulher, um modo de registro para si mesma de todos os comportamentos e atitudes como as de sua filha e da prima Elizete em relação a ela, mas também e, principalmente, de suas ações e silêncios que a levaram a viver aquele momento; situações que, pouco a pouco vão ficando mais claras para a personagem, não devem mais ser repetidas. Destarte, como afirma Melo e Justino (2020), a escrita contribui “[...] para a sua emancipação enquanto sujeito social que se encontra imerso em uma tensão constante entre a construção de sua singularidade frente à identidade que se impõe e se reitera diversas vezes” (Melo & Justino, 2020, p. 86). Subentende-se que a quarentena será, para a narradora-personagem, também assimilável à quaresma, expressão religiosa referente aos quarenta dias entre a quarta-feira de cinzas e a Páscoa, um período de limpeza que demandará sacrifícios — Alice nas ruas têm acesso restrito a banhos, alimentação e espaço para realizar atividades comuns ao dia-a-dia, por exemplo — e reflexão.

O diário da narradora-personagem será um exercício de resistência e de reencontro. Nesse sentido, a atividade da escrita exerce uma função terapêutica para Alice; o caderno de capa rosa talvez seja um caminho para a sua cura, enquanto sujeito machucado — “Estou ficando curada da maluquice só por escrever neste caderno?” (Rezende, 2014, p. 91). Em seu ato de escrever é notável que a saída às ruas da cidade de Porto Alegre, que em auxilia a personagem no processo de “[...] esquecer todo o resto [...]” (Rezende, 2014, p. 101), sendo, então, apresentada, após o seu abandono pela filha como o seu “[...] único destino concreto e imediato, emprestado de outra mulher [...]” (Rezende, 2014, p. 101), representará o rompimento dessa mulher com diferentes padrões que sempre lhe foram impostos.

A personagem, a partir dessa experiência, traçará relações com outros sujeitos e espaços que lhe proporcionarão a ressignificação da construção de sua subjetividade feminina e materna. Como ponderam Neves e Melo (2018), gradativamente, percebendo sua múltipla subjetividade, os movimentos empreendidos pela protagonista vão sendo reconfigurados, evidenciando o seu reconhecimento da impossibilidade de encaixe aos parâmetros estabelecidos para a mulher, principalmente para aquelas de meia idade, na sociedade.

Faz-se interessante pontuar a maneira como os elementos ‘paratextuais’ dialogam e contribuem para a percepção de um feminino em processo de rompimentos e redescobertas. Quase todo o novo capítulo é introduzido por propagandas de hotéis e de lojas de carros ou notas fiscais de restaurantes pelos quais ela passou, por panfletos de ortopedistas ou flyers de banho e tosa de cachorro, fazendo uma alusão direta a sua falta de higiene pessoal no decorrer da narrativa, demarcando o processo de desencontro, mas também de encontro com consigo e com a nova cidade.

Outro aspecto importante a salientar acerca da história de Alice pelas ruas de Porto Alegre é a sua confirmação, através das respostas das mais variadas pessoas que encontra em sua caminhada, do reconhecimento universal do sofrimento materno diante da perda/desaparecimento de um filho e, por consequência, do fundamental apoio que esse sujeito-mãe precisa para vencer esse suplício. Em sua conversa com a Barbie, a personagem admite que a história do filho perdido foi de grande valia para que ela pudesse iniciar conversas e conhecer pessoas, tendo em vista que a resposta que sempre recebia era de que todos “[...] conheciam ou tinham ouvido falar de mães agoniadas e filhos perdidos” (Rezende, 2014, p. 111).

Os sujeitos por ela encontrados reverberam um discurso de que “[...] mãe sofre demais! [...] Toda mãe é uma sofredora! (Rezende, 2014, p. 110-111). Contudo, com o passar dos dias, a personagem não mais recorrerá às dores maternas como maneira de aproximação de desconhecidos em ato que demonstra sua própria superação dos estereótipos maternos: ela não precisa usar a ânsia de outra mulher como modo de fuga para esconder sua dor, mas reconhecer que os ideais impostos às mulheres as resumem a cenários e subjetividades que atendem unicamente aos desejos da sociedade patriarcal.

Nessa trilha de reconfiguração de si e, como consequência, de sua identidade materna e de seu fazer materno, sublinha-se o encontro de Alice com as mulheres-mãe de Maria Degolada, um dos primeiros lugares que a personagem irá passar enquanto transita pelas ruas porto-alegrenses. Na vila gaúcha, a personagem se vale da história do filho desaparecido — a narrativa de uma mãe desesperada em busca daquele que cuidou — como estratégia de aproximação dos moradores locais. Como esperado, a história desperta a empatia das outras mulheres, que, também na condição de mulheres-mães, se identificam com a dor da mãe de Cícero. Esse movimento de identificação é evidenciado no excerto a seguir: “[...]Pobrezinha dessa mãe!, Filho perdido é coisa que mãe nenhuma aguenta, [...]” (Rezende, 2014, p. 110).

Enquanto Alice estava “[...] momentaneamente esquecida de Norinha [...]” (Rezende, 2014, p. 110), ela sente-se presa àquele momento e àquele lugar. Surpreendia-se com a forma de interação entre aquelas pessoas, tão diferente da realidade a que estava acostumada. O que parecia uma comunicação truncada e cheia de informações desconexas, aos poucos se revela a ela como pura expressão de afinidade e proximidade entre aquelas mulheres. Verifica-se que há uma conduta social nessa comunidade que privilegia o coletivo, os sujeitos ali se conhecem e reconhecem suas histórias de vida nos outros. Nesse sentido, o próprio fazer materno dessas mulheres se constrói de uma maneira bastante diversa: entende-se a existência de uma ‘maternagem’, mesmo que ainda não desvinculado da figura da mulher, constituída a partir de um fazer coletivo.

Como nos moldes sugeridos por Rich (1986), que sublinha o fato da necessidade de desatrelar-se o sentimento de solidão da figura materna, a atividade realizada nesse lugar não pode ser entendida como ação solitária, como aquele fazer materno, restrito unicamente à figura de uma única mulher presa ao espaço privado, reconhecido e praticado por Alice. As mulheres de Maria Degolada se enxergam na dor da mãe de Cícero, pois esta é a realidade de muitas daquelas mães. São mulheres pobres e moradoras da periferia que, muitas vezes, perdem seus filhos para uma sociedade que violenta e mata os sujeitos subalternos: “[...] e voltavam a citar, falando todas ao mesmo tempo, todos os casos que conheciam ou tinham ouvido falar de mães agoniadas e filhos perdidos” (Rezende, 2014, p. 11).

O’Reilly (2008) ao comentar sobre a maternidade como uma prática feminista, pontua a importância da contribuição dos sujeitos para que se reconfigure esse fazer. Nesse sentido, sublinha-se a compreensão de que é nesse encontro que Alice reconhece a maternidade enquanto um fazer múltiplo; ela vê nessas mulheres-mães a necessidade da construção de fortes alianças coletivas, com o objetivo de reeducar a sociedade na atualidade, como pontuado pela pesquisadora citada.

Nesse caminho de rompimentos e rearranjos de sua subjetividade, o desprendimento das amarras empreendido pela personagem de Rezende, não a leva a um ponto final e uno. Ao contrário, ajuda na compreensão de que sua identidade não deveria ser exclusivamente traçada pela fixidez atrelada à mulher-mãe do discurso patriarcal. Para o diário, ela confessará que já nos últimos dias de sua empreitada sente saudades das pessoas que faziam parte de sua rotina — “Eu é que vou me vendo, revendo, esta Alice de agora [...] e eu estou sentindo falta de muita gente, até de minha filha, acredita? Não tive a honestidade de dizer isso a mim mesma, mas a você, que é de papel e não tem nada a ver com nada, eu digo [...]” (Rezende, 2014, p. 199) —, mas frente às fortes mudanças por ela sofridas sabe, que com o retorno essas antigas relações serão também reconfiguradas.

O episódio que a fará retornar para o apartamento abandonado sugere a drástica transição de Alice: em uma de suas últimas noites nas ruas do subúrbio de Porto Alegre, a personagem encontra um corpo estirado — “[...] avancei mais um pouco até dar com a luz bem na cara de um homem ainda jovem, os olhos esbugalhados, os braços abertos em cruz [...]” (Rezende, 2014, p. 242) — no meio de um matagal desconhecido. Ela sabe que no seu ato destemido e sem medo de encarar a morte reside também a certeza de que uma parte sua ficou para trás e que ela, agora, precisa viver a vida como a ‘nova Alice’; um feminino que percebe a sua subjetividade enquanto concebida fora das amarras para ele instituídas. Essa ‘nova Alice’ sugere a necessidade aventada por Vasconcelos (2014), ao se reportar às reflexões de Rich (1986), de se refletir o modo “[...] como a experiência materna afeta as mulheres de forma subjetiva e complexa” (Vasconcelos, 2014, p. 70). Compreende-se a impossibilidade de precisar questões acerca da subjetividade de Alice. Há um ar de

imprecisão ao final da narrativa, entretanto, pode-se afirmar, após as suas andanças por Porto Alegre, direciona-se para o entendimento de um feminino multifacetado, sendo a maternidade mais um dos muitos aspectos que contribuem para uma subjetividade feminina plural.

Considerações finais

A ideia de que o aumento dos debates sobre maternidade e a figura da mãe não apenas introduz uma nova visão de mundo, mas também transforma o conjunto de referências e critérios usados para avaliar fenômenos sociais, é central neste artigo. Através da análise das obras de Rezende, buscou-se demonstrar que reinterpretar esse tema, tradicionalmente demarcado pelo patriarcado, é também uma oportunidade para revisar e reconsiderar questões críticas como sexualidade e a formação da subjetividade feminina, abrindo caminho para entender a diversidade inerente à identidade feminina.

Nesse sentido, compreende-se se que a análise da situação da maternidade e do sujeito-mãe nas linhas de Rezende (2014), ao apresentar uma mulher-mãe construída por sua experiência diversificada para com a maternidade, provê um entendimento plural sobre o feminino, desatrelado do olhar unívoco destinado às mulheres e ao fazer materno enquanto essência e natureza feminina. Em *Quarenta dias* (2014), o desconforto com o papel e o modelo materno em voga na sociedade será sentido por Alice, mulher-mãe construída pela narrativa de Rezende (2014), muitos anos após o parto, já com Norinha, a filha, em idade adulta. Para o atendimento das vontades da filha, essa mãe precisará mudar toda a sua vida. Alice procura resistir aos desejos da filha, que quer tornar-se mãe e contar com o apoio da figura materna. No entanto, a possibilidade de priorizar a si mesma é enfraquecida pela pressão de Norinha e da prima e, sobretudo, pela própria culpa que Alice carrega por não ter proporcionado à filha a presença de um pai. Diante disso, ela renuncia a si mesma e a tudo aquilo de que gosta.

É a partir do reconhecimento da impossibilidade de escolha que Alice delinea uma nova percepção acerca da maternidade, percebendo que esse é um exercício marcado pela pluralidade que envolve também a valorização da mãe e a compreensão de que essa não pode estar sempre depois dos desejos dos filhos: é importante o reconhecimento de que o amor materno e a dedicação eterna e exclusiva do sujeito-mãe não são os únicos sentimentos que envolvem a atividade da mulher. Além disso, ela, no contato que mantém com as pessoas que cruzam o seu caminho de resignificação, passa a conceber a maternagem a partir de um olhar que prioriza a coletividade. Diferente da solidão vivida por ela durante a criação da filha, ela constata a possibilidade de um fazer materno coletivo, em que diferentes sujeitos estão envolvidos.

Ademais, salienta-se que a obra é representativa do sentimento de não pertencimento dessa mulher, que se percebe estrangeira no espaço a que está limitada. Percebe-se a apresentação do espaço privado como um lugar de alienação e abuso do feminino. O local, identificado pelo patriarcado enquanto único território permitido para a atuação da figura feminina, em oposição ao ambiente público, masculino, designado para o exercício da maternidade, é apresentado pela autora como *locus* opressivo para as mulheres-mães: elas estão presas a ele, de maneira que a subjetividade dessas mulheres se perde em meio a claustrofobia que a casa, para elas, representa. Para Alice, a fuga do espaço privado foi a única saída em meio às mudanças drásticas em sua vida. A casa toda branca e moderna, construída ao gosto da filha Norinha, que impõem a sua ida para uma nova cidade, desencadeia na personagem um sentimento de aprisionamento e necessária fuga. É o contato com as ruas porto-alegrenses que a libertam, em um movimento de resignificação de si mesma, de sua versão moldada pelo patriarcado, assim como do próprio valor do espaço privado ao qual sempre esteve limitada.

Nesse sentido, acredita-se que a narrativa, não apenas propõe novos paradigmas para a experiência do fazer materno ao expor toda a sua ambivalência, mas uma desconstrução da assimetria masculino/feminino, trazendo à tona questionamentos sobre os modos como a construção da subjetividade feminina foi enclausurada pelo sistema vigente, inclusive por meio da maternidade.

Enfim, sabe-se que ainda há um longo caminho a ser percorrido nas diferentes lutas por equidade travadas pelas mulheres. Uma dessas batalhas é a da revisão dos padrões até então determinados ao sujeito-mãe. Todavia, obras como as de Rezende, que debatem sobre os paradigmas da maternidade, sugerem avanços dos debates acerca dessa temática que constroem diferentes possibilidades para o feminino — um feminino que percebe as múltiplas perspectivas na construção e expressão de sua subjetividade.

Referências

- Badinter, E. (1985). *Um amor conquistado: O mito do amor materno* (W. Dutra, Trad.). Nova Fronteira.
- Bosi, E. (1994). *Memória e sociedade: Lembranças de velhos* (3. ed.). Companhia das Letras.

- Carroll, L. (2019). *Alice no país das maravilhas* (M. Heloisa & L. Durazzo, Trans.). DarkSide Books.
- Chodorow, N. J. (1978). *Psicanálise da maternidade: Uma crítica a Freud a partir da mulher* (N. C. Caixeiro, Trad.). Rosa dos Tempos.
- Donath, O. (2017). *Mães arrependidas: Uma outra visão da maternidade* (M. Vargas, Trad.). Civilização Brasileira.
- Federici, S. (2017). *Calibã e a bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva* (Coletivo Sycorax, Trad.). Elefante.
- Halasi, F. S. (2018). *A mulher brasileira contemporânea e a maternidade da culpa* [Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. Repositório Institucional da PUC-SP. <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/21668>
- Jones, W. H., & Kugler, K. (2000). The guilt inventory. *Psychological Reports*, 87(3), 1039–1042. <https://doi.org/10.2466/pr0.2000.87.3.1039>
- Kehl, M. R. (2016). *Deslocamentos do feminino: A mulher freudiana na passagem para a modernidade*. Boitempo.
- Lauretis, T. de. (1994). Tecnologias do gênero. In H. B. Hollanda (Org.), *Tendências e impasses: O feminismo como crítica da cultura* (pp. 206–242). Rocco.
- Melo, B. S., & Justino, L. B. (2020). Reterritorializar, desterritorializar: Quarenta dias, de Maria Valéria Rezende. *Polifonia*, 27(47), 77-90. <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/issue/view/633>
- Neves, A. L. M. S., & Melo, B. S. (2018). A representação da velhice em Quarenta dias, de Maria Valéria Rezende. *Revista Letras Raras*, 7(1), 122–147. <https://doi.org/10.35572/rlr.v7i1.954>
- O'Reilly, A. (2008). *Feminist mothering*. State University of New York Press.
- Parker, R. (1997). *A mãe dividida: A experiência da ambivalência na maternidade* (M. L. X. de A. Borges, Trad.). Record.
- Rezende, M. V. (2014). *Quarenta dias*. Objetiva.
- Rich, A. (1986). *Of woman born: Motherhood as experience and institution*. W. W. Norton & Company.
- Swain, T. N. (2008). Corpos construídos, superfícies de significação, processos de subjetivação. In C. Stevens & T. N. Swain (Orgs.), *A construção dos corpos: Perspectivas feministas* (pp. 1-23). Editora Mulheres.
- Valente B. L. S., & Botelho, D. (2019). A relação entre a culpa das mães e suas decisões de consumo. *ReMark – Revista Brasileira de Marketing*, 18(2), 171–197. <https://doi.org/10.5585/remark.v18i2.3970>
- Vasconcelos, V. M. F. (2014). *No colo das Iabás: Raça e gênero em escritoras afro-brasileiras contemporâneas* [Tese de doutorado, Universidade de Brasília]. Repositório Institucional da UnB. <https://repositorio.unb.br/handle/10482/16641>